



O ENSINO DA LITERATURA MODERNISTA POR MEIO DE CANÇÕES¹

TEACHING MODERNIST LITERATURE THROUGH SONGS

Ruan Carlos Teles de Araujo²

Resumo: Este trabalho apresenta uma proposta de unidade didática para o Ensino de Literatura (COSSON, 2006) destinado ao público do Ensino Médio. Tal proposta faz parte dos estudos desenvolvidos durante o Seminário ministrado pela Prof.^a Dr.^a Ana Maria Machado, em 2020, no contexto do Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa, pela Universidade de Coimbra. Objetiva-se destacar a atual importância das canções, como gêneros sublitterários (CANDIDO, 1989; FISCHER, 2019), para um maior alcance na compreensão dos aspectos das poesias e Literatura Modernista no Brasil e em Portugal.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Poesias. Canções. Modernismo.

Abstract: This work presents a proposal for a didactic unit for the Teaching of Literature (COSSON, 2006) aimed at high school audiences. This proposal is part of the studies developed during the Seminar given by Prof. Dr. Ana Maria Machado, in 2020, in the context of the PhD in Portuguese Language Literature, at the University of Coimbra. The objective is to highlight the current importance of songs, as subliterate genres (CANDIDO, 1989; FISCHER, 2019), for a greater understanding of the aspects of Modernist Poetry and Literature in Brazil and Portugal.

Keywords: Teaching Literature. Poetry. Songs. Modernist.

¹ Artigo recebido em 12 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 29 de setembro de 2021.

² Estudante do Doutorado em Literatura de Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2853-9417>. E-mail: proferuan89@gmail.com

*A música exprime a mais alta filosofia
numa linguagem que a razão não compreende.*
Schopenhauer (1788 – 1860)

A presente proposta didática se utiliza da intertextualidade (interartes) das literaturas líricas brasileira e portuguesa com algumas canções e/ou intérpretes das últimas décadas³ do Brasil – mais precisamente do estado da Bahia. Utilizando-nos de um estudo diacrônico, no qual partimos de obras musicais do contemporâneo como efeito de motivação e contextualização para interpretações e intervenções (expansão)⁴ sobre a importância do que foi o movimento literário *Modernismo*, como também os demais movimentos anteriores aos textos artísticos que atualmente temos contato. Em outras palavras, na apropriação do espírito da própria Literatura e sua amplitude, apresentamos uma proposta de método macro⁵, que transpassa aspectos presentes em vários movimentos literários: desde a literatura clássica, passando pelo Barroco e Romantismo, até chegar ao Contemporâneo.

Como na contemporaneidade, o cidadão brasileiro, e quiçá mundial, vem tendo maior acesso aos gêneros musicais como canções, *shows* (concertos) e videoclipes, podemos partir desses textos para o envolvimento interpretativo-literário de um público discente jovem, cada vez mais moderno e digital – como é o caso dos(as) alunos(as) do ensino médio/secundário, público selecionado para aplicação da proposta. Ao que nos apoiamos nas palavras de Todorov (2009):

É por isso que devemos encorajar a leitura por todos os meios – inclusive a dos livros que o crítico profissional considera com condescendência, se não com desprezo [...]; não apenas esses romances populares levaram ao hábito da leitura milhões de adolescentes, mas, sobretudo, lhes possibilitaram a construção de uma primeira imagem coerente do mundo, que, podemos nos assegurar, as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas. (p. 82 – grafia nossa)

Se perguntarmos aos(as) estudantes de nossa atualidade, quais as preferências deles(as), musicais e noutras expressões artísticas, uma considerável porcentagem não saberá apresentar as obras com justificativas suficientes. Por isso, a proposta em questão não se limita ao ensino de literatura canônica, como também trabalha a criticidade do(a) aluno(a) sobre a vida em sociedade e quais critérios utilizamos para o consumo de obras artísticas como as canções⁶.

³ Entre a segunda metade do século XX e início do século XXI.

⁴ Embasados nos conceitos de sequências básica e expandida apresentados pelo Prof. Dr. Rildo Cosson (2006), cf. capítulo “As práticas”, p. 51-109.

⁵ Cf. apoiados no pensamento do complexo, apresentado nos estudos de Edgar Morin.

⁶ Paralelamente ao que pensa SOARES (2014, p. 127): “A mim, parece-me essencial, sem pôr de lado os clássicos, naturalmente, fazer os jovens vibrarem com uma linguagem, uma problemática, um imaginário próximo dos seus. A inclusão de literatura contemporânea é o melhor caminho para os conquistar para a leitura e para a criatividade”.

A literatura e a música sempre se entrelaçaram, no quesito das interartes, seja na história, como nas influências criativas, ou mesmo nas justificativas teóricas através das comparações. Próximo do que já fizeram tantos cânones literários, a exemplo de Almeida Garrett, em seu romance *Viagens na minha terra* (2017, p. 69):

Os olhos porém – singular capricho da natureza, que no meio de toda esta harmonia quis lançar nota de admirável discordância! Como poderoso e ousado *maestro* que, no meio das frases mais clássicas e deduzidas da sua composição, atira de repente com um som agudo e estríduo que ninguém espera e que parece lançar a anarquia no meio do ritmo musical [...].

Como nosso repertório artístico, musical e literário é mais amplo nas culturas brasileiras, a proposta foi inicialmente pensada para aplicação no Brasil. Porém, prontamente, decidimos sugerir para os estudos analíticos tanto poesias brasileiras como portuguesas; e assim, poder-se-á trabalhar em ambos países a vasta cultura da língua portuguesa, suas aproximações e singularidades, através da expressividade literária. Ao que para Aguiar e Silva (2020):

Nesta óptica, o cânone literário escolar da língua portuguesa não deve rasurar a diferença em nome de uma contranatural homogeneidade linguística, não deve impor uma norma exclusiva e excludente. Conhecer os modos como grandes escritores de cada literatura nacional trabalham, afeiçoam e recriam a língua portuguesa é fundamental para desenvolver o sentimento e a consciência de pertença a uma comunidade linguística transnacional e transcultural (p. 135).

Esta sugestão didática é destinada ao público do Ensino Médio/Secundário, e está dividida em três temáticas a serem abordadas nas aproximações entre os textos líricos (canções e poemas⁷): *i*) O amor; *ii*) Fugacidade do tempo; e *iii*) A morte.

A duração de aplicação desses temas é de seis aulas de cinquenta minutos cada – duas aulas para um mesmo tema. Sendo que, ao final, são acrescentadas duas últimas aulas (de números sete e oito), as quais estão destinadas para avaliação. E esta será feita através de apresentações orais pelos alunos sobre pesquisas de outros textos que interajam com as poesias propostas pelo(a) professor(a), exposições biográficas dos poetas e informações históricas. Um trabalho comparativo apoiado na temática predominante ou em algum outro critério pertinente, como a transmidialidade ou a intertextualidade (direta e indireta).

⁷ Como já bem sabemos, os termos “poema” e “poesia” são complementares, e estão usados como sinônimos neste estudo.

Segue uma tabela com os objetos a serem analisados por temática e aula:

	Os textos bases do gênero musical – recorte cultural com intérpretes baianos.	Poesias do Modernismo brasileiro e português.
Duas primeiras aulas (O amor).	Eu sei que eu vou te amar ⁸ – Ivete Sangalo: https://youtu.be/68nUUP5LYM4	Sonetos de Vinícius de Moraes ⁹ .
Aulas de números três e quatro (Fugacidade do tempo).	Temporal – Pitty ¹⁰ : https://youtu.be/NdJQUIHY1R4	Retrato – Cecília Meireles ¹¹ .
Aulas de números cinco e seis (A morte).	Canto para minha morte ¹² – Raul Seixas: https://youtu.be/uS2jEBaCOT8	Quando vier a primavera – Fernando Pessoa (Alberto Caeiro) ¹³ .
A serem propostos aos alunos para o trabalho final – aulas sete e oito.		Sonho – Clarice Lispector ¹⁴ ; Eu – Florbela Espanca ¹⁵ .

Apesar dos poemas selecionados pertencerem ao *Modernismo*, os mesmos trazem projeções de movimentos literários anteriores, como algumas características ultrarromânticas: exagero pelo subjetivismo e emocionalismo (o tédio, devaneio, sonho e desejo da morte) da segunda geração do *Romantismo*; passando também por algumas características *realistas*, *naturalistas* e de *vanguardas*¹⁶; até verificarmos que os movimentos literários passados reverberam nos textos líricos de nossas canções contemporâneas.

Diferentemente do que presenciamos nas últimas décadas, o ensino de literatura não deve ser limitado aos conceitos apresentados pela história da literatura. Podemos associar gêneros e movimentos de diferentes épocas para legitimar a qualidade artística de uma produção. Como verificamos no questionamento de Carlos Reis (2018) sobre as rígidas delimitações, de rupturas temporais na história literária:

Uma das categorias mais complexas e fugidias da história literária e da sua metodologia é a que se refere à noção de *moderno*. Juntamente com ela, a noção de *contemporâneo* gera dificuldades operatórias

⁸ Poema musicado de Vinicius de Moraes e Tom Jobim. Neste caso, temos uma regravação pela intérprete popular da atualidade brasileira, a qual utiliza-se da transmidialidade do texto literário.

⁹ Disponível em: https://www.pensador.com/sonetos_de_vinicius_de_moraes/. Acesso em 16 de janeiro de 2021.

¹⁰ Letra disponível em: <https://www.letras.com/pitty/69132/>. Acesso em 16 de janeiro de 2021.

¹¹ Poema disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/1505/retrato>. Acesso em 16 de janeiro de 2021.

¹² Letra disponível em: <https://www.letras.com/raul-seixas/48303/>. Acesso em 16 de janeiro de 2021.

¹³ Poesia por escrito e em arquivo audiovisual. Disponíveis em: <https://ensina.rtp.pt/artigo/quando-vier-a-primavera-de-alberto-caeiro/>. Acesso em: 16 de janeiro de 2021.

¹⁴ Poema disponível em: http://muchachitojuan.blogspot.com/2008/03/blog-post_29.html. Acesso em 16 de janeiro de 2021.

¹⁵ Poema disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/10270/eu>. Acesso em 16 de janeiro de 2021.

¹⁶ Tais características estão explicitadas no desenvolvimento deste estudo, através das exposições comparativas entre os fragmentos dos textos literários (poemas) e musicais (canções).

nem sempre fáceis de superar. As razões por que assim acontece são relativamente evidentes: sendo o tempo literário um decurso ininterrupto que só artificialmente pode ser delimitado, não é fácil determinarmos nele o que é *moderno* e o que é *contemporâneo*. [...] Coisa semelhante foi reclamada várias vezes, ao longo da história, por movimentos culturais que quiseram ser *modernos*. Nada de novo, portanto. [...] O modernismo, enquanto período literário, padeceu desta indefinição. (p. 07 – grafia nossa).

Apresentamos aqui uma abordagem do ensino de literatura que não anula outras formas metodológicas, nem reduz a importância de se ler as obras literárias em sua originalidade, tema que já foi tensionado por Ana Machado (2019):

O ensino da literatura no ensino básico coloca aos autores de manuais desafios vários, de que aqui se destacam os que se prendem com a seleção da edição mais adequada ao nível escolar em causa e com a didatização do texto literário. (p. 335-336).

Mas sim, esperamos que através das aproximações temáticas entre os textos literários e as canções de nossa atualidade, conquistemos o interesse de um público alunado jovem¹⁷, que se encontra inserido numa sociedade cujos recursos musicais se encontram massificados em seus cotidianos. E com isso, cabe destacar que uma boa aula, principalmente de Literatura, depende da criatividade e sensibilidade do(a) professor(a) desde quando seleciona os objetos de estudo até quando muda de estratégias conforme as necessidades de seu público discente¹⁸.

Primeiras aulas: o amor

De princípio, e de maneira breve, o(a) professor(a) pode fazer uma pesquisa com aproximadamente dez alunos na própria sala de aula – perguntando qual é a canção que ele(a) mais gosta, o porquê e qual a temática predominante nela. Provavelmente, chegaremos ao primeiro consenso de que a maioria das canções em nossas sociedades tratam sobre o amor e relacionamentos amoro-

¹⁷ “[...] Um jornal francês de literatura fez uma pesquisa entre os alunos e descobriu que até os 14 anos os jovens gostam de ler e lêem muito. Quando vão para o liceu, lêem menos. É verdade que eles começam a sair mais de casa e ter outros interesses, mas um dos principais motivos é que os professores tornam a literatura chata, decupando-a em partes pequenas e analisando minuciosamente o seu vocabulário, em vez de dar mais valor ao sentido do texto, à sua ação. Nada mais passional do que um romance, nada tão maravilhoso quanto a poesia! Nada retrata melhor a problemática humana do que as grandes obras literárias. Os saberes não devem assassinar a curiosidade. A educação deve ser um despertar para a filosofia, para a literatura, para a música, para as artes. É isso que preenche a vida. Esse é o seu verdadeiro papel.” (MORIN, 2006).

¹⁸ Essa questão de sensibilidade(s) é inevitavelmente involucrada à literatura comparada que se volta ao ensino (cf. MARINHO, 2021). Parafraseando as palavras da referida Professora Doutora da UPE: é indeclinável uma “relação de diálogo entre os textos e as culturas [...] porque nenhum texto é neutro. Então, a graça é perceber essas associações [...]” (transcrição nossa).

sos¹⁹. Algo que é transmitido da grande literatura para os gêneros subliterários (cf. *infra*), pois segundo uma reprodução de discurso proferida pelo Dr. Willi Bolle (2021): “Toda grande literatura tem o componente de amor”.

Antes de prosseguirmos, é necessário fazer uma ressalva sobre o termo “subliterário” como algo tensionado desde as teorias de Antonio Candido (1989)²⁰ e de Robert Stam (2006)²¹. Então, apresentamos aqui uma alternativa de sua substituição por “coliterário” – seguindo a lógica da dependência (e atual codependência) entre os gêneros textuais secundários e primários (BAKHTIN *apud* ARAUJO, 2010, p. 02), a exemplo das canções e teledramaturgias, que são cooperadoras na propagação da própria literatura²².

Voltando à temática das primeiras aulas, após a reflexão inicial sobre o amor – a qual pode ser aprofundada, em debate, sobre as canções do passado e do presente, sobre as demais expressões artísticas, entre tantas outras coisas²³ –, seguimos para o primeiro objeto a ser analisado que é a faixa em audiovisual do show de Ivete Sangalo no Maracanã (2006), com a interpretação de “Eu sei que vou te amar”.

Essa canção, que se trata de um poema musicado de Vinicius de Moraes (1913–1980) em parceria com o músico Tom Jobim (1927–1994), por meio da transmidialidade e de várias interpretações que se estendem até nossos dias atuais, tornou-se um dos textos líricos mais conhecidos do poeta *modernista* brasileiro. Ao partirmos desse objeto, recorreremos à visão interacionista – já apresentada por Antônio Marcusch (cf. ARAUJO, 2010, p. 03) – de nos aproximarmos às coisas “que cercam a vida dos alunos, fazendo interação entre os novos conhecimentos com os que aqueles já possuem” (ARAUJO, 2010, p. 02).

¹⁹ Podemos validar tal afirmativa em dois trabalhos acadêmicos – 1) na tese de Lima (2011): “Na história recente da música popular existem, sim, diversas profissionais [...] A temática por elas abordada versa mais sobre relacionamentos, amor, natureza e outros fatos do cotidiano.” (p. 142); “Em *Primeiro de Maio*, Chico Buarque faz uma analogia entre o amor e o trabalho em um dia de feriado, correlacionando expressões que remetem ao mundo do trabalho para falar do relacionamento entre um homem e uma mulher [...]” (p. 153); 2) e no artigo de Araujo (2010), no qual das três canções sugeridas de maneira aleatória para o ensino de Língua Portuguesa, coincidentemente, a temática afetiva predomina em duas delas: *Amor I love you* (Marisa Monte) e *Segredos* (Frejat).

²⁰ As definições do que vem a ser sublitteratura variam conforme o tempo, como o próprio Candido alertou em: “Se passarmos da literatura de imaginação, em geral, para o caso restrito da literatura de ficção em prosa, veremos que o problema se agrava, por tratar-se de um gênero que não possuía dignidade teórica aos olhos da opinião erudita. Uma coisa, com efeito, era encontrar razões justificativas para a epopéia ou a tragédia, a ode ou a sátira, ungidas por uma tradição venerável e beneficiando dos grandes exemplos da Antigüidade, restaurados então em toda a sua força; outra coisa era abonar a pacotilha duvidosa das narrativas romanescas, que deviam parecer aos intelectuais o que hoje parecerá a fotonovela. Tratava-se, portanto, de uma dupla justificativa: com relação aos escritos religiosos e filosóficos, enquanto literatura; e com relação à literatura, enquanto sublitteratura.” (1989, p. 83).

²¹ “Conforme a teoria descobre a ‘literaridade’ de fenômenos não-literais, qualidades consideradas como literárias se revelam cruciais para o discurso e prática não literários. A inclusão do sublitterário no literário, a reformulação da própria categoria do literário como uma configuração instável e sem um fim determinado, neste sentido, produz uma visão mais tolerante do que comumente é visto como um gênero ‘subliterário’ e ‘parasitário’ – a adaptação.” (p. 23-24, grafia nossa).

²² Como afirmou Fischer (2009), sobre o contexto brasileiro desde a década de 1950: “[...] a canção é um elemento de grande intimidade da experiência direta dos brasileiros [...] a formação lírica do brasileiro é feita pela canção... pelo menos da Bossa Nova pra cá [...] Tanto quanto a telenovela é a nossa formação épica [...]” (transcrição nossa).

²³ Pode-se perguntar aos alunos sobre o conhecimento deles de quais obras mais antigas que abordam o a temática do romantismo; e assim, é provável que citem desde as tragédias clássicas até a passagem bíblica adâmica.

Contrariamente às características transgressoras do período literário que fez parte – segunda fase do *Modernismo* –, os poemas de Vinicius de Moraes seguiam as normas clássicas, a exemplo de seus sonetos e versos que respeitavam as rimas. Um poeta reconhecido como “um dos grandes letristas da Bossa Nova [...] e não há como falar de amor sem falar de Vinicius”²⁴.

Destarte, o(a) professor(a) pode entregar cópias selecionadas de alguns sonetos do poeta²⁵ aos alunos e pedir que voluntários declamem para toda a sala. Após esse momento de apreciação coletiva, o(a) docente questiona os(as) estudantes sobre alguns aspectos recorrentes nos textos confrontados até então, indica os melhores caminhos de interpretação e acrescenta o que não foi percebido pelos participantes. Num gradual trabalho de ensino da literatura, como sugere Cosson (2006):

Todavia, a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (p. 35).

Para além das aproximações da canção inicial com a recorrente temática romântica nos sonetos de Vinicius, podemos perceber outras temáticas. E a depender do tempo de aula, é interessante que o(a) professor(a) encaminhe para essa abertura, como verifica-se na lírica de “A Vida Tem Sempre Razão” – que segundo o repórter e cronista Joaquim Ferreira dos Santos, é item obrigatório nas coleções de quem gosta de boa música e de poesia –, a abordagem “À instabilidade das cousas do mundo”, tema também recorrido por outros poetas como Gregório de Mattos em seu soneto *barroco*.

Vale reforçar que nossas sugestões didáticas não apresentam planejamentos totalmente fechados; pois, como supracitado, o êxito das aulas depende de vários aspectos como criatividade e sensibilidade de quem as constrói, de quem as ministra e da interação daqueles(as) que participam de sua execução.

24 Matéria realizada por Joaquim Ferreira dos Santos, publicada no sítio eletrônico do canal televisivo português RTP. Disponível em: https://www.rtp.pt/antena1/discos/disco-a1-vinicius-de-moraes-a-vida-tem-sempre-razao_7396. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

25 A exemplos: “Soneto de Fidelidade”; “Soneto do Amor Total”; “Soneto de Devoção”; “Soneto de Separação”; “Soneto do Amigo”; “Soneto de Aniversário”; etc.

Aulas 3 e 4: fugacidade do tempo

Existe a possibilidade de realizar pontes entre as primeiras aulas com estas que seguem, a exemplo da letra de “A Vida Tem Sempre Razão”; ou simplesmente, começamos a aula de número três com o áudio da canção de Pitty – “Temporal”. E após a escuta desta, o(a) professor(a) pede para os alunos fazerem suas colocações como: **a)** qual parte da letra o(a) chamou mais a atenção; **b)** se sabem algo sobre aquela intérprete (que também é a autora); **c)** qual tema central trata aquele texto lírico; **d)** e se conhecem alguma outra obra artística e literária que trata de tema semelhante.

A partir das contribuições dos(as) discentes, podemos revelar o tema gerador das duas aulas correntes, caso ninguém já tenha mencionado (descoberto), e confrontar a letra da canção “Temporal” com o poema “Retrato”²⁶:

Temporal	Retrato
[...] E quando olhei no espelho Eu vi meu rosto e já não o reconheci E então vi minha história Tão clara em cada marca que tava ali Se o tempo hoje vai depressa Não ‘tá em minhas mãos Cada minuto me interessa Me resolvendo ou não Quero uma fermata que possa fazer Agora o tempo me obedecer [...]	[...] Eu não dei por esta mudança Tão simples, tão certa, tão fácil: - Em que espelho ficou perdida A minha face? ²⁷

Nota-se, então, uma clara intertextualidade indireta, na qual Pitty faz referência à poesia *modernista* de Cecília Meireles, na sua teorização sobre a fugacidade do tempo. Podemos comprovar as intenções referenciais da autora baiana sobre a literatura em tantas outras de suas composições, como: a fábula clássica de Esopo “A raposa e as uvas” em “Fracasso”; *A mulher de trinta anos* de Balzac em “Desconstruindo Amélia”; *Brave New World*, romance escrito por Aldous Huxley, em “Admirável Chip Novo”; a célebre frase de Thomas Hobbes em “O lobo”; entre outras.

Dentre outros acréscimos na análise coletiva, vale chamar a atenção para a palavra “fermata” na canção de Pitty, a qual utiliza-se de um conceito da música (símbolo de partitura) para empregar um sentido mais lato – sobre magia

²⁶ De Cecília Meireles – uma das maiores poetisas brasileiras, que como Vinicius de Moraes também pertencente à poesia de 30 do *Modernismo*.

²⁷ Os textos devem ser apreciados na íntegra. Recortamo-los neste artigo por questões de economia textual.

e controle do tempo cronológico. Essa mistura de símbolos entre gêneros soa característica dos movimentos de *vanguarda*. O quê, mais uma vez, nos confirma a ideia de que a literatura moderna veio antes do *Modernismo* propriamente dito. E que para muitos estudiosos da Literatura, o *Romantismo* é o real responsável por esta divisão cronológica.

Toda dita reflexão sobre as divisões da grande literatura (canônica) já foi melhor abordada em outros trabalhos, por outros investigadores²⁸. Então, voltemos ao nosso propósito didático, o qual podemos fechar esta temática com produções diversas (por escrito ou em outras representações artísticas, como desenho ou fotografia) dos próprios alunos sobre a efemeridade da vida, o quê aprendemos com o tempo, quais pontos positivos podemos destacar no convívio com pessoas de maior idade, de quê temos medo, etc.

Aulas 5 e 6: a morte

Iniciamos estas aulas com o compartilhamento das atividades solicitadas aos alunos, ao fim da aula anterior. Em que, os aprendizes têm que apresentar suas anotações e justificar de maneira oral sobre sua produção reflexiva. Partilha essa que será seguida de nosso último tema que é “a morte”. Assunto muito próximo dos abordados nas aulas antepostas, e provavelmente, também presente em muitos dos trabalhos recém-apresentados.

Ao fazermos aproximações poéticas entre a canção “Canto para minha morte” (1984) do baiano Raul Seixas e o poema “Quando vier a primavera” (1915)²⁹ do *modernista* português Fernando Pessoa, rompemos as fronteiras nacionais e históricas para a apreciação e estudo lírico³⁰ sobre uma das temáticas que causam maior aversão; já tratada na segunda geração do *Romantismo* brasileiro, pelos poetas pessimistas e ultrarromânticos.

Nestas aulas, após reprodução da canção e poesia, em recursos audiovisuais³¹, para a turma, o(a) professor(a) pode entregar as letras impressas dos dois textos líricos para que os(as) alunos(as) façam mais um exercício de literatura

²⁸ A exemplo de Carlos Reis, já citado na página 04 deste artigo; e Aguiar e Silva (2010), o qual afirmou que a partir do Modernismo e principalmente das Vanguardas, as dicotomias na avaliação do cânone passaram de textos/ autores de centro e periféricos para relações de tempo entre os antigos e os modernos. Dessa forma, autores periféricos passaram a ocupar o centro e causar novas dinâmicas intertextuais. Isso nos comprova que a construção do cânone literário pode ser variável, já que, depende de valores, critérios e juízos do tempo presente.

²⁹ Informação sobre a data de registro escrito verificada em: https://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item213/P5.html. Acesso em: 16 de janeiro de 2021.

³⁰ Segundo Soares (2014), o que observamos é uma aversão dos jovens aos clássicos, que comumente ocorre pelo fato das obras não serem apreciadas em si mesmas; mas sempre presas as normas gramaticais, história da literatura, sociológicos, etc. E ainda, acrescenta: “Não preconizo naturalmente que tão vasto cânone vá sobrecarregar os estudantes de qualquer nível de ensino, mas é benéfico que se consciencializem de que não somos únicos. E que lhes sejam recomendadas algumas obras estrangeiras.” (p. 129).

³¹ Cf. as fontes dos materiais didáticos – recursos audiovisuais e letras das canções/poemas –, utilizados nas aulas da presente proposta, estão indicadas nas páginas 03 e 04 deste artigo.

comparada. E ainda, se achar válido, pode levar algum outro poema do *Romantismo*, para poder apresentar aos(as) aprendizes um exemplo de como foi abordado outrora o mesmo tema.

Essas estratégias didáticas para o ensino de literatura, na qual fazemos aproximações entre os cânones com textos de outras naturezas, também já foram mencionadas por Passos (2018), o qual afirma que isso resolve “uma das principais dificuldades do estudo de poesia em salas de aula do Ensino Básico (o aspecto sisudo, hermético, que dificulta sobremaneira a comunicação mais de perto às vidas sociais dos alunos)” (p. 250).

Assim, antes de finalizarmos as correntes aulas, como uma opção de atividade final avaliativa de nossa proposta, a qual praticamente se trata de uma unidade didática, o(a) docente entrega aleatoriamente os títulos de duas poesias para que os(as) discentes façam trabalhos extraclasse, a serem apresentados para a turma nas **últimas aulas (de números 7 e 8)**.

Os últimos poemas propostos são “O sonho” de Clarice Lispector e “Eu” de Florbela Espanca. O(a) estudante escolherá um dos dois objetos e fará aproximações comparativas com outros objetos artísticos – uma provocação de interartes, que auxilia no reconhecimento da qualidade textual. Sendo que nesta produção avaliativa, a qual não têm formato totalmente definido, apenas será exigida a apreciação da literatura e uma simples abordagem comparativa.

Vale lembrar que também pode ser pertinente para o conhecimento coletivo, caso algum dos aprendizes queira (sinta necessidade), uma breve apresentação, introdutória ou posterior, que contenha aspectos sociohistóricos e/ou biográficos. Sabendo-se que existem várias abordagens para desvendar os aspectos da literatura, não seria profícua para as pluralidades interpretativas enrijecer as análises com uma padronização. O(a) sábio(a) professor(a) saberá aproveitar das contribuições do corpo alunado, as novas percepções e novos aprendizados, na associação com as teorias já existentes.

Encaminhamentos

Apesar de não existir uma conclusão fechada para propostas didáticas, dá-se ênfase à essência do corrente estudo para potencializar suas futuras aplicabilidades. Ao mesmo tempo que não nos prendemos aos termos da história da Literatura, com a aplicação das sugestões apresentadas, intenta-se que os(as) estudantes aprendam a reconhecer as temáticas e características recorrentes nos textos líricos do passado e do presente. O uso de canções próximas à contemporaneidade do público alunado tende a resgatar o interesse daqueles que estavam distantes das literaturas, destacar sua magnitude dialógica, além de colaborar com a legitimação destas como fontes artísticas e históricas.

Referências

- ARAUJO, Ruan Carlos Teles de. Como se trabalhar com textos musicais em recursos audiovisuais, no ensino de língua portuguesa. In: **IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. 2010. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10223/99/99.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.
- BOLLE, Willi. **Grande Sertão Veredas**. [entrevista]. In: Literatura Fundamental. TV FUVEST. Disponível em: <https://youtu.be/Jcfpbm7owCo>. Acesso em: 06 de agosto de 2021.
- CANDIDO, Antonio. Timidez do romance. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 82-99.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- FISCHER, Luís Augusto. **O que fazer com a canção**. 2019. IV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WJFOQqtKftU>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.
- GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. 1. ed. Reimpressão. Porto: Porto Editora, 2017.
- LIMA, Cássia Helena Pereira. **Assim na música como na vida: a representação do trabalho em discursos de canções brasileiras através da Análise Crítica do Discurso**. 2011. 240f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- MACHADO, Ana Maria. O Ensino de “A Aia” de Eça de Queirós: Nótulas e Derivações. In: LUÍS, Ana R. [et al.]. **A formação inicial de professores nas humanidades: reflexões didáticas**. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. p. 335-349.
- MARINHO, Clarissa Loureiro. Literatura Comparada e Ensino. [palestra]. In: **Universidade da gente**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nt3HKY1yBeI>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.
- MORIN, Edgar. A escola mata a curiosidade. [entrevista]. In: **Revista Nova Escola** – 01 de outubro de 2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/894/edgar-morin-a-escola-mata-a-curiosidade>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.
- PASSOS, Lucas dos. Humor, oralidade e ensino: o caso da poesia marginal. In: DALVI, Maria Amélia [et al.]. **Literatura e educação: história, formação e experiência**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018.
- REIS, Carlos. Nota Prévia. In: ARNAUT, A. P. ; BINET, A. M. (Org.). **Revista de Estudos Literários: do post-modernismo ao hipercontemporâneo: os caminhos das literaturas em língua portuguesa**. n. 8. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 07-10, 2018.

SILVA, Vítor Aguiar e. Em busca de um cânone literário para a língua portuguesa. In: SILVA, Vítor Aguiar e. **Colheita de inverno**: ensaios de teoria e crítica literárias. Reimpressão. Coimbra: Almedina, 2020. p. 113-136.

SILVA, Vítor Aguiar e. Variações sobre o cânone literário. In: SILVA, Vítor Aguiar e. **As humanidades**: os estudos culturais, o ensino da literatura e a política da língua portuguesa. Coimbra: Almedina, 2010, p. 243-247.

SOARES, Luísa Ducla. O Cânone. **Palavras**: Revista da Associação de Professores de Português. n. 46-47, p. 125-130, 2014-2015.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. [artigo]. In: **Revista Ilha do Desterro**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19/9004>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

TODOROV, Tzvetan. O que pode a literatura. In: TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Moreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. p. 73-82.